

REFLEXÕES JUNGUIANAS SOBRE O SUICÍDIO¹

EVALDO FERREIRA DA COSTA²

RESUMO

Este ensaio visa refletir sobre três breves comentários do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung sobre o suicídio. A partir destes comentários surge uma rápida reflexão sobre como o psicoterapeuta deve abordar este tema quando surge dentro do processo de psicoterapia de orientação junguiana.

PALAVRAS-CHAVES:

Suicídio, Psicologia Analítica, Eixo Ego/Si-mesmo

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio nasce a partir da leitura de três cartas escritas por Carl Gustav Jung entre os anos de 1946 e 1951. Nestas cartas o importante psiquiatra suíço discute com seus correspondentes o tema suicídio.

Como este ensaio foi escrito para a publicação no site oficial do Laboratório de Individuação e Reintegração da Totalidade- LABIRINTO, não foi possível me alongar como gostaria e deveria por ser este um tema tão rico e complexo. Porém levanto estas reflexões para apresentar a atitude de Jung perante o suicídio e sua forma de abordar este tema tão delicado.

Procuo neste trabalho apresentar e comentar de forma breve e objetiva três afirmações de Jung extraídas destas cartas. Nas considerações finais exponho de forma clara e didática a postura mais adequada do psicoterapeuta de orientação junguiana diante de seu paciente que traz questões sobre o suicídio.

Considero esta discussão relevante para os psicoterapeutas de orientação junguiana, pois direciona a escuta clínica para o simbolismo que está para além do discurso do paciente que apresenta tendências e ideias suicidas. Este simbolismo é abordado a partir da compreensão do conceito do Si-mesmo que necessita de toda uma vida e da existência de um ego maduro para que possa se realizar de forma consciente.

Sabe-se que diante das vicissitudes, conflitos, dificuldades e dores inerentes à vida, o ego, por vezes é invadido por tamanha angústia e desespero que tende a desejar a morte mais do que a continuidade da existência. A dúvida que surge para o psicoterapeuta junguiano é se

¹ Ensaio produzido pra publicação no site oficial do Laboratório Individuação e Reintegração da Totalidade - LABIRINTO

² Psicólogo Clínico de Orientação Junguiana. Formado pela Universidade Federal do Ceará. Pós-graduado em Gerontologia pela Universidade Federal do Ceará. Professor e Supervisor Clínico dos cursos de Capacitação em Psicologia Analítica e Formação em Psicoterapia de Orientação Junguiana ofertados pelo LABIRINTO.

esse desejo egóico trata-se de uma fuga e negação da designação do Si-mesmo ou se é, realmente, uma tendência genuína de todo o seu ser que está clamando pelo término de uma vida.

A postura correta apontado pelo fundador da Psicologia Analítica é baseada acima de tudo na confiança e entrega ao processo de individuação que é orientado e guiado pelo Si-mesmo. Essa postura é também baseada no profundo respeito ao livre-arbítrio do ego que é o único responsável pelas atitudes e escolhas tomadas.

Percebe-se com isso que, ao se abordar a questão do suicídio, o psicoterapeuta de orientação junguiana deve ter em mente o estabelecimento da relação ego/si-mesmo na psique do seu paciente e a importância da relação terapêutica para que a partir e dentro desta relação possa ocorrer aquilo que a Psicologia Analítica entende por confrontação do inconsciente. Segundo Jung, esta é a técnica mais adequada para libertação do ego das influências compulsivas e obsessivas decorrentes dos conteúdos inconscientes causadores das ideias suicidas.

2. TRÊS AFIRMAÇÕES DE CARL G. JUNG SOBRE O SUICÍDIO

2.1 PRIMEIRA AFIRMAÇÃO

No dia 10 de julho de 1946, Jung escreve uma carta resposta a um destinatário não identificado da Alemanha. Não se sabe, ao certo, qual a indagação do correspondente alemão. Sabe-se, porém, que o psiquiatra suíço se refere ao tema suicídio por ter sido este colocado na correspondência inicial. Eis a argumentação de Jung:

“O suicídio, por mais compreensível que seja humanamente, não me parece recomendável. Nós vivemos para alcançar o grau mais elevado possível de desenvolvimento espiritual e de conscientização. Enquanto a vida for possível, ainda que num grau mínimo, devemos agarrar-nos a ela e esgotá-la com vistas à conscientização. Interromper a vida antes do tempo é paralisar uma experiência que nós não iniciamos. Nós fomos jogados no meio dela e precisamos levá-la até o fim” (Jung, 2002, p. 39)

Relacionados a esta afirmação estão os conceitos de Individuação (Jung, 2011. f), Designação (Jung, 2012) e Si-mesmo (Jung, 2011. b). Na teoria junguiana sobre o desenvolvimento da personalidade, percebe-se que o processo de individuação ocorre a partir da manifestação de uma Vontade que transcende a vontade egóica.

O ego, ao reconhecer a existência desta transcendência, a partir de uma experiência numinosa (Jung, 2011. g), reconhece-se como instrumento ou servo de algo absoluto, grandioso e determinante de sua existência. Quando isso ocorre, cria-se a ligação entre o ego e o Si-mesmo, a partir da qual o desenvolvimento da personalidade se desenrola.

É isto o que Jung quer dizer quando afirma que “interromper uma vida antes do tempo é paralisar uma experiência que nós não iniciamos”. Na metáfora junguiana a vida de cada um de nós é iniciada e influenciada pelo Si-mesmo. Claro que esta influência não chega a ser um

determinismo, pois o ego é ator fundamental e ativo no processo de individuação. Desta forma cabe ao ego escolher e agir da melhor forma possível para realizar ou não os chamados que recebe desta instância superior.

Embora seja uma escolha “*humanamente compreensível*”, o suicídio é visto por Jung como uma interrupção, a partir da vontade egóica, de um processo que visa a realização de forma consciente dos potenciais humanos. Este processo só se desenvolve ao longo de uma vida e a partir dos desafios, conflitos e sofrimentos impostos pela experiência de viver. É neste sentido que Jung reitera a importância da vida que deve ser vivida plenamente até ser completamente esgotada. Só assim a vida pode oferecer toda a matéria prima necessária para o desenvolvimento e realização de forma consciente dos potenciais humanos .

2.2 SEGUNDA AFIRMAÇÃO

Em outra carta, desta feita endereçada à Dra. Eleanor Bertine, residente em Bailey Island (Maine)/ EUA, Jung comenta sobre a doença terminal e a morte de uma amiga em comum. Nesta carta, mais uma vez, ele expressa a sua opinião de que o suicídio é uma escolha egóica humanamente compreensível e que há situações em que algo maior que o ego parece conspirar para isso:

“ É realmente um problema se uma pessoa atingida por uma doença tão terrível pode colocar um fim em sua vida. Minha atitude no caso é não interferir. Deixaria as coisas tomarem o seu rumo, pois estou convencido de que, se a pessoa está disposta a cometer suicídio, todo o seu ser caminha praticamente nesta direção. Presenciei casos em que seria quase criminoso impedir o suicídio, pois tudo indicava que isto estava de acordo com a tendência de seu inconsciente e, portanto, era um dado fundamental. Sou da opinião de que nada se ganha realmente interferindo no assunto. Talvez seja melhor deixar isto à livre escolha do Indivíduo”.
(Jung, 2002, p. 40)

Nessa passagem, quando Jung se refere à existência de uma tendência inconsciente ele está se referindo à totalidade do indivíduo , ou seja, ao Si-mesmo. A postura que ele adota é a da não interferência, agir pelo não-agir, o chamado WU-WEi da filosofia taoísta (Jung, 2011.e). Isso ocorre por duas razões. Primeiro porque se deve respeitar o livre-arbítrio do indivíduo, pois o ego é o único responsável por suas escolhas. Segundo porque se deve adotar uma postura genuína de confiança no Si-mesmo que pode no último momento tomar as rédeas e direcionar o ego para o caminho correto a ser seguido:

“ (...) Se Kristine Mann cometesse suicídio sob o estresse da dor insuportável, eu poderia pensar que isto foi a coisa certa. Como ela não o cometeu, acho que estava previsto em suas estrelas suportar uma agonia tão cruel, por razões que escapam à nossa compreensão. Nossa vida não é feita totalmente por nós mesmos. A maior parte dela provém de fontes a nós desconhecidas.” (Jung, 2002, p.41)

Aqui Jung faz mais uma alusão ao poder superior que influencia nossa existência que em sua teoria conceitua como Si-mesmo. Desta forma, pensar sobre a possibilidade do suicídio é refletir sobre a relação ego/Si-mesmo e sobre até que ponto o ego está compreendendo e aceitando as designações do Si-mesmo ou negando e fugindo destes chamados.

O psicoterapeuta de orientação junguiana deve ter sempre isso em mente para que possa ajudar ao seu paciente a compreender o que está por trás de suas ideações suicidas. Estas ideações são inicialmente vistas como manifestações simbólicas da psique, uma tentativa de comunicação do Si-mesmo ou de partes da psique, os chamados complexos autônomos ou imagens arquetípicas. (Jung, 2011. c)

Sendo estas manifestações oriundas de complexos ou imagens arquetípicas faz-se necessário um suporte emocional a partir da relação terapêutica para que o paciente possa confrontar essas ideações se desidentificar com elas mediante o processo de confrontação psíquica (Jung, 2011. a). Somente este processo pode ajudar o paciente a encontrar o que o Si-mesmo quer verdadeiramente lhe dizer ao produzir tais pensamentos suicidas.

2.3 TERCEIRA AFIRMAÇÃO

No dia 13 de outubro de 1951, Jung tenta, através de uma carta, responder a pergunta de uma destinatária desconhecida de aproximadamente 47 anos de idade que lhe perguntou se a tentativa de suicídio, que fizera aos 21 anos de idade, poderia ter matado parte de seu Si-mesmo. Eis alguns trechos da carta:

“ Não é possível matar parte do seu si-mesmo sem que antes mate a si mesma. Se arruinar a sua personalidade consciente, a assim chamada personalidade do eu, a senhora despoja o si-mesmo de seu verdadeiro objetivo, isto é, de tornar-se real. O objetivo da vida é tornar real o si-mesmo. Com o suicídio a senhora destrói esta vontade do si-mesmo que a guia através da vida para aquele objetivo final. Uma tentativa de suicídio não afeta a intenção do si-mesmo de tornar-se real, mas pode interromper o seu desenvolvimento pessoal(...) enquanto não se der conta da natureza desse impulso muito perigoso, a senhora bloqueia o caminho para o desenvolvimento ulterior. (...) Essas tendências são bastante freqüentes, mas nem sempre se concretizam; e dificilmente há alguém que não deva reconhecer, de um modo ou de outro, que ele tem uma sombra escura a segui-lo.” (Jung, 2002, p201)

Aqui Jung expressa nitidamente o perigo da influência de tendências suicidas decorrentes de conteúdos psíquicos inconscientes. O não reconhecimento destes conteúdos ou tendências equivale ao não reconhecimento da sombra (Jung, 2011. b). De acordo com a teoria junguiana da personalidade, conteúdos sombrios tendem a serem atuados de forma inconsciente e inadequada, causando danos ao indivíduo e aos seus relacionamentos, pois são vivenciados de forma patológica, inadequada e irresponsável exatamente por não serem reconhecidos ou controlados pelo ego.

Ao meu ver, este é o principal fator de risco para o suicídio, pois o indivíduo não sabe o que está fazendo e tampouco sabe o que está por traz de sua tendência suicida. O complexo inconsciente ou a imagem arquetípica pode de forma concreta e compulsiva fatalmente dar termo a uma existência que se perdeu de seu verdadeiro propósito ou sentido de vida. É necessário portanto, a partir da relação terapêutica (Jung, 2011. d.) que o paciente reavalie sua existência e procure encontrar um sentido para estar vivo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto conclui-se que Jung sugere que o psicoterapeuta deve ter uma postura de genuíno respeito ao livre-arbítrio de seu paciente considerando que este é o único responsável pela sua existência.

Entretanto, algumas vezes, o ego do paciente não atingiu o grau de maturidade para poder ter autonomia e poder de decisão, haja visto que pode está sendo fortemente influenciado por complexos autônomos ou imagens arquetípicas inconscientes. Nestes casos, recomenda-se o fortalecimento da relação terapêutica para que o paciente possa sentir que pode confiar e compartilhar seus conflitos e dores com alguém que está verdadeiramente disposto a se colocar como um parceiro numa jornada de desenvolvimento espiritual e psicológico.

Somente a partir do fortalecimento desta relação terapêutica é que pode surgir o processo de confrontação do inconsciente para que o paciente possa avançar em seu processo de individuação, confrontando suas ideias suicidas, vistas agora como matéria prima para a construção do eixo ego/si-mesmo, que em síntese representa um processo de morte e renascimento, pois é o término de uma vida sem sentido e o início de uma vida mais plena.

Todo este processo é pautado e regulado pela parte Transcendente da psique que Jung chamou de Si-mesmo. Por isso, é fundamental que o psicoterapeuta de orientação junguiana saiba perceber a manifestação desta instância e confiar plenamente nesta dimensão transcendente.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JUNG, C. G. Ab-reação, Análise dos sonhos e Transferência. Petrópolis: Vozes, 2011. (a)
- JUNG, C. G. Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 2011. (b)
- JUNG, C. G. A Natureza da Psique. Petrópolis: Vozes, 2011. (c)
- JUNG, C. G. A Prática da Psicoterapia. Petrópolis: Vozes, 2011. (d)
- Jung, C. G. Cartas : 1946- 1955. Petrópolis: Vozes, 2002.
- JUNG, C. G. Estudos Alquímicos. Petrópolis: Vozes, 2011. (e)
- Jung, C. G. O desenvolvimento da Personalidade. Petrópolis: Vozes, 2012.
- JUNG, C. G. O eu e o Inconsciente. Petrópolis: Vozes, 2011. (f)

JUNG, C. G. Psicologia e Religião. Petrópolis: Vozes, 2011. (g)